

III Congreso de Arqueología Medieval Española

Oviedo

27 Marzo - 1 Abril 1989



Lorenzo Arias '87

ACTAS

II Comunicaciones

Organización:
Asociación Española
de
Arqueología Medieval



UNIVERSIDAD DE OVIEDO

SERVICIO DE PUBLICACIONES

Dispositivos defensivos de Silves (Algarve, Portugal)

Rosa Varela Gomes
Mário Varela Gomes

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Silves situa-se no Barlavento do Algarve (fig. 1) sobre um cerro da região, denominada Barrocal, sobranceiro à margem direita do rio Arade e a 15 km. da costa. A sua localização beneficia do cruzamento de diferentes vias, tanto terrestres, permitindo a ligação com o Baixo-Alentejo e com o litoral, como fluviais. Está rodeada por relevos suaves, que a individualizam da Serra, e nas zonas baixas, cortadas por inúmeras linhas de água, existem terrenos férteis, não longe de importantes jazigos minerais, sobretudo de cobre, e do mar rico em peixe, marisco e sal. Estes factores foram determinantes para o precoce povoamento e para o desenvolvimento da actividade humana, naquele local, através dos séculos.

Assim, encontram-se nos arredores desta cidade um significativo conjunto de estações arqueológicas, desde o Paleolítico à Idade Média. Uma delas, recentemente destruída, estabeleceu-se numa elevação, denominada Cerro da Rocha Branca ou da Guerrilha, no limite da actual área urbana e junto ao rio Arade, tendo sido habitada, pelo menos, desde os finais da Idade do Bronze. Terá sido um assentamento do tipo das feitorias fenício-púnicas, do Ocidente Peninsular, defendido por muralhas, de aspecto ciclópico, e torres. Aqui, detectaram-se as influências culturais do Período Orientalizante, as continentais, em torno ao século V, posteriormente as púnicas e itálicas, dando, em seguida, lugar a um importante entreposto comercial romano e, ainda, às ocupações tardo-romana e muçulmana.

Algumas *villae* rústicas romanas, e restos de cetárias junto ao rio, testemunham tanto a exploração dos ricos solos agrícolas, como dos recursos marinhos na região. É possível que, desde a Idade do Ferro, existisse, entre o local onde se ergue a cidade e o Cerro da Rocha Branca, o bom porto fluvial que os textos medievais mencionam.

Até ao momento, na área urbana da cidade, apenas se recolheram alguns artefactos pré-históri-

cos, fragmentos de cerâmicas e escassas moedas romanas, assim como espólio tardo-romano, e de origem visigótica ou bizantina, a que se seguem copiosas colecções de peças atestando a intensa permanência muçulmana. Esta, inicia-se, segundo os textos, logo em 713, e foi comprovada através de numerosas cerâmicas recolhidas na escavação, em curso e dirigida por um dos signatários (R.V.G.), no Castelo de Silves. Também uma amostra de carvão vegetal proveniente da camada mais antiga da ocupação islâmica, daquele arqueossítio, depois de analisada pelo método de datação absoluta do rádio-carbono (^{14}C), obteve a cronologia de 1240 ± 90 B.P. (Ly 4167) que, após a aplicação da nova tabela de correção dendrocronológica, ofereceu um intervalo situado entre 670 e 890 D.C. e é, portanto, centrada em meados do século VIII (Gomes, 1988, 100).

2. AS MAIS ANTIGAS MURALHAS DE SILVES

2.1. A primeira muralha muçulmana

A construção do Museu Arqueológico Municipal de Silves, instalado na área correspondente ao edifício onde identificámos o poço-cisterna almoada (Gomes e Gomes, 1984, 35-44; 1986, 127-141) e num pátio anexo, permitiu-nos realizar uma intervenção arqueológica. Esta, incidiu numa larga faixa com cerca de 30 m. de comprimento junto a um dos panos da muralha almoada, que cerca a *medina*, ali defendida por uma potente torre albarrã e encontra-se muito próxima, da única porta muçulmana da cidade, ainda, existente em bom estado de conservação.

A escavação deste local permitiu reconhecer uma complexa presença humana que inclui, além dos restos de três dispositivos defensivos anteriores à muralha almoada (fig. 2), estruturas de habitações, pavimentos, silos, assim como uma enorme quantidade de materiais, integrados em sucessões estrati-

gráficas que inseriam camadas arqueológicas classificadas entre os séculos VI-VII e o século XVII.

Os segmentos de muralhas descobertos, sobrepunham-se, ou adossavam-se, sucessivamente e apresentavam o mesmo desenvolvimento da muralha almoada que, de igual modo, se encostava à face exterior de uma outra mais antiga (almorávida).

Os testemunhos do mais recuado dispositivo defensivo, por ora, detectado em Silves são constituídos por uma estrutura observada neste local, formada por pequenos blocos irregulares, de arenito vermelho, argamassados com terra. Media, cerca de 1,00 m. de espessura e atingia 0,70 m. de altura, tendo sido descobertos três troços, totalizando 11 m. de comprimento.

Sob esta construção, numa zona em que tinha sido derrubada, recolhemos algumas peças arqueológicas, sobretudo cerâmicas, capazes de nos oferecerem um importante contributo para a sua atribuição cronológica e cultural. Também nos quadrados limítrofes foi, de igual modo, possível recolher outros artefactos pertencentes a este mesmo estrato (camada 4).

Este espólio integra fragmentos de *terra sigillata* clara, do tipo D (um deles, pertencente a uma pátera, é decorado por estampilhagem, reconhecendo-se a perna de um cordeiro), cerâmicas fabricadas com pastas, bem depuradas, cor-de-laranja (bule, de fundo plano, paredes caneladas e bordo biselado, e fragmento de grande taça com bordo oblíquo), assim como cerâmicas produzidas com pastas mal depuradas, contendo elementos não plásticos de grão médio a grosseiro, de cor vermelha, ou castanha, com manchas cinzentas. A este último conjunto, melhor representado, pertence um pequeno *oenochoe*, com fundo plano, colo destacado e bordo trilobulado, fragmentos de panelas e de potes, com bordos biselados, parte de uma frigideira de paredes altas e sub-verticais, com bordo plano mas ligeiramente espessado, e um fragmento, contendo porção do bordo, em bisel, e o arranque de uma asa, de uma ânfora, que oferece um engobe espesso de cor bege (fig. 3).

Os materiais mencionados sustentam paralelos que, dada a ausência de cronologia absolutas, permitem datar os inícios da ocupação deste local, assim como delimitar a base da sua sucessão estratigráfica, dado que esta camada assentava no substrato e sobre ela foi construída a primeira muralha, sendo, portanto, sua contemporânea ou posterior (fig. 2).

Os fragmentos de *terra sigillata* clara, do tipo D, nomeadamente o impresso com os restos do que seria um cordeiro (fig. 3-1), encontram paralelos em produções importadas, ou de fabricação peninsular, genericamente aceites como tendo alcançado todo o século VI. O tema do cordeiro faz, por norma, parte da iconografia religiosa que decora raras destas peças, por certo utilizadas no culto pelas populações cristãs e a que não será estranha a presença bizantina, até ao século VII, no Algarve.

Um fragmento de pátera, proveniente de La Alcudia de Elche (Alicante) mostra três cordeiros em redor da Cruz e num outro, de Ceuta, dois daqueles animais estão dispostos a cada um dos lados do símbolo do cristianismo (Zoreda, 1974, 217, fig. 15). Também de Montroy, Villaricos (Almería), provém um fragmento de *terra sigillata* clara, do tipo D, estampada com os restos de um cordeiro (Ruano, 1988, 30, fig. 3). Um fragmento deste mesmo tipo de cerâmica, possivelmente da forma H 104 e onde se reconhece parte de um cordeiro, foi achado na escavação da Avenida do Presidente Habib Bourguiba em Salammbó (Cartago), podendo ser datado nos finais do século VI (Fulford e Peacock, 1984, 100, 103, figs. 32, 161). Hayes (1972, 222, 226, 255) cataloga duas figuras de cordeiros, impressas no fundo de grandes pratos e tigelas que denomina de *african red slip ware*, provenientes do Ágora de Atenas e datadas entre o segundo quartel e os meados do século VI. Contudo, algumas mais tardias apresentam cronologias de finais do século VI ou já dos inícios do século seguinte. Este tipo de cerâmica desaparecerá, segundo este autor, em torno ao ano 600 e as peças estampilhadas com cordeiros em meados do século VI.

Ao mesmo mundo cultural, mediterrânico, deve pertencer o fragmento de grande taça (fig. 3-3), com bordo oblíquo e fabricada com pasta muito bem depurada, cor-de-laranja, algo amarelada, podendo encontrar protótipos na forma 77 da “*african red slip ware*”, como na forma 2B da “*Late roman C Ware*”, de meados do século V (Hayes, 1972, 125, 126, 328, 329).

O *oenochoe* (fig. 3-2), que parece reproduzir um modelo metálico, e semelhante a outros provenientes da necrópole visigótica de Piña de Esgueva (Valladolid) (Gallo, 1943, est. LXXII, 2), tal como a exemplares exumados em Conímbriga. Estes, nem sempre oferecem bordo trilobulado e foram datados no séculos IV-V, assim como a maioria das cerâmicas tardias daquela cidade (Alarcão, 1975, 93, 108, 109, ests. XLIII, LXII). De igual modo, os fragmentos de panelas, de potes e de um jarro (figs. 3-6, 7, 9) com bordo biselado, têm paralelos em peças recolhidas em Conímbriga (Alarcão, 1975, ests XXXIII, LIV, LV) pertencentes ao período suevo-visigótico ou de cronologia incerta, e em necrópoles visigóticas, como na Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Caeiro, 1984, fig. 8).

O fragmento de frigideira (fig. 3-4), deve, ainda, ser integrado no conjunto de materiais pertencentes ao fundo cultural hispânico ou tardo-romano. Esta forma que, posteriormente, se desenvolverá parece ser o resultado da persistência funcional que encontra como modelo os *pompejanisch-rottenplatten*, conhecidos em várias estações arqueológicas (Conímbriga, Ilha do Pessegueiro, Rocha Branca) (Alarcão, 1975, est. XXXVI; Alarcão, Delgado, Mayet, Alarcão e Ponte, 1976, 54, 131; Gomes, Gomes e Beirão, 1986, 80; Silva, Soares, Dias, Coelho-Soares, 1984, 23, 38).

Naõ encontramos paralelos para o pequeno bule (fig. 3-5) fabricado com pasta, bem depurada, cor-de-laranja (que se aproxima de outras peças mencionadas e cujo bordo, em bisel, pode ser relacionado com o de certas painelas referidas), nem para o fragmento de ânfora (fig. 3-8).

No estrato (camada 3b) posterior ao que ofereceu os materiais acabados de referir, correspondente ao nível de ocupação coevo da construção da primeira estrutura defensiva deste local, exumámos fragmentos de cântaros, de púcaros com duas carenas e duas asas, e de frigideiras. Estas peças são, no seu conjunto, muito semelhantes às descobertas na camada 8 do Castelo de Silves e que, como já mencionámos, foram datadas pelo 14C em meados do século VIII.

A inserção estratigráfica da estrutura que temos vindo a referir indica-nos, pois, que a sua construção se pode situar logo na primeira metade do século VIII, sendo posterior á camada com materiais dos séculos VI-VII, e utilizada durante os séculos VIII e IX conforme indicam os materiais do estrato (C3b) correspondente à utilização do espaço por ela definido.

Esta estreita muralha deve ser consequência de certa instabilidade sócio-política ou religiosa, talvez como reflexo da recente presença muçulmana na Península, sendo possível que integrasse um sistema defensivo singelo, daquela parte da cidade, do tipo dos *albacares* onde, em caso de perigo, as populações de origem exógena se pudessem refugiar.

2.2. A segunda muralha muçulmana

A agudização dos problemas político-religiosos, que, posteriormente, darão origem ao Califado, podem estar na origem do reforço da estrutura defensiva já existente e à qual foi adossada e sobreposta uma nova muralha. Esta, assenta no estrato, atrás referido (C3b), contendo materiais dos séculos VIII-IX e a uma cota cerca de 0,30 m. mais alta que a primeira muralha. Oferece 1,10 m. de largura média, dimensão que somada à largura da muralha anterior totaliza 2,00 m. Foi detectada, apenas, em dois troços, somando 6,00 m. de comprimento e atingia, em alguns pontos, 0,50 m. de altura. Era constituída por fiadas de blocos irregulares, argamassados com terra, contendo elementos de maior dimensão que os da estrutura a que foi sobreposta.

Esta segunda muralha integrava, ainda, o estrato contendo materiais do período pré-califal (C3b) e é provável que tenha sido destruída depois de 929. Neste ano Xelb foi incluída no califado de Abd Al Rahmān III, e, segundo Lévi-Provençal (1976, 275) e Torres Balbás (1952, 413), este governante, a partir de 925, mandou derrubar varias muralhas do Sul da Península, incluindo a de Sevilha, receando as muito frequentes insurreições locais. Silves era, na altura, uma opulenta cidade com perfeita autonomia económica e, possivelmente, espiritual. A sua locali-

zação, distante de Córdoba, ajudava a constituir um potencial perigo contra o poder central, sendo provável que, por isso, tivesse, também, ficado sem as suas muralhas. A fortificação, cujos testemunhos são agora dados a conhecer, pode ter sido construída no século IX ou nos primeiros anos do século X. Ao mesmo nível de ocupação pertence um silo que continha fragmentos de púcaros com duas carenas e duas asas opostas, assim como dois púcaros com uma só asa, materiais cujo contexto foi datado, pelo 14C, em 891 cal. D.C. (ICEN-202).

Sobre esta ocupação desenvolvia-se outra (C3a) contendo cerâmicas, esmaltadas e polícromas, comumente denominadas do tipo de *Medinat-az-Zahra*.

E possível que, durante o Califado, Silves não possuísse, pelas razões expostas, muralhas que cercassem a cidade. No entanto, a partir de 1051, com Al Mutamide a cidade dominava o território algarvio; época em que este rei-poeta escreve a «Evocação de Silves», relembrando, com «saudades», a sua forte alcáçova.

2.3. Uma muralha almorávida (?)

Assente sobre as duas muralhas antes referidas ergue-se um terceiro dispositivo defensivo. Trata-se de uma construção com 0,70 m. de largura média, que se estende por 10,00 m. apresentando-se conservada até á altura de 1,00 m. E constituída por fiadas, alternadas, de pequenos blocos de «grés vermelho», estreitos e largos, argamassados com terra.

Esta estrutura é posterior ao nível que continha cerâmicas califais e à camada contemporânea da sua ocupação oferecendo materiais de várias épocas, sendo os mais recentes do período almoada, correspondendo a entulhos e a uma forte presença humana no local.

Contudo, de acordo com Torres Balbás (1952, 413) devem-se aos almorávidas a construção de numerosas estruturas defensivas que cercavam cidades como Córdoba, Écija, Jerez de La Frontera e Niebla, sendo também possível que esta muralha da *medina* de Silves tenha sido erguida a partir de 1091, altura em que a cidade de Silves passa a pertencer ao domínio daquele império magrebino.

3. DISPOSITIVOS DEFENSIVOS ALMOADAS

3.1. A Alcáçova

A alcáçova de Silves (figs. 1 e 4), apesar das obras de restauro efectuadas em 1948, mantém, ainda, todo o perímetro medieval das suas muralhas. Com superfície poligonal ocupa cerca de doze mil metros quadrados, sendo cercada por potentes muralhas construídas em arenito vermelho, da região, e taipa. O principal acesso ao seu interior faz-se, através da *medina*, por uma porta dupla com átrio, ro-

deada no exterior por duas torres de planta rectangular, voltada a poente. Uma pequena porta, voltada a norte, denominada «porta da traição», liga directamente a alcáçova com o exterior.

Onze altas torres de planta rectangular, sendo duas albarrãs (voltadas a nascente), constituem um imponente dispositivo defensivo. Duas destas torres ligam as muralhas da alcáçova às da *medina*, respectivamente a sul e a oeste.

As torres maiores, e mais potentes, foram construídas a norte e a nascente, três em cada um destes lados, precisamente nas zonas que se encontram fora da protecção das muralhas da medina, mas com boas condições naturais de defesa, sobre uma encosta de declive muito acentuado. A poente existem quatro torres, encontrando-se uma em cada extremidade da muralha, e três outras estão voltadas a sul.

A torre de maiores dimensões, voltada a norte, fazia parte do último reduto defensivo: a *celoquia* ou torre de menagem dos castelos cristãos (Bazzana, 1983, 27). O comprimento destas torres varia entre 15,6 m. e 3,00 m., a largura entre 10 m. e 6,25 m., medindo as mais altas 10 m. de altura. A união de todo este sistema faz-se pelo passeio de ronda, com 1,25 m. a 1,90 m. de largura, e as albarrãs ligam-se á muralha por arcos de volta perfeita. Os parapeitos das torres, e os panos de muralha, medem cerca de 0,65 m. de espessura, o que equivale a cerca de um «codo» e meio (Bazzana, 1980, 342, Bermejo, 1976, 342).

Na zona norte da alcáçova encontra-se uma enorme cisterna, rectangular, coberta por abóbadas assentes em altas colunas, o *aljibe*, peça fundamental de todas as fortificações muçulmanas. Ali também se observam dois grandes silos.

Quatro das maiores torres da alcáçova, não albarrãs, terão sido reedificadas, nos séculos XIV ou XV, conforme mostram as abóbadas que as cobrem e as portas que lhes dão acesso, com arcos ogivais e arestas esquinadas, construídas, igualmente, em arenito vermelho e marcadas com numerosas siglas. O aparelho destas construções diferencia-se bem das estruturas muçulmanas.

3.2 A *medina*

As muralhas da *medina*, igualmente construídas em arenito vermelho e taipa, estão defendidas por várias torres albarrãs e outras adossadas. Tiveram, também, uma torre octogonal, hoje destruída, mas, representada numa vista, de 1844, publicada por João Baptista da Silva Lopes.

Uma couraça, que permitia o acesso à água, é assinalada na crónica que relata a conquista de Silves por D. Sancho I (Tarouca, 1952, 159).

A entrada no interior da *medina* podia fazer-se a través de três portas, uma voltada a nascente, na actual Rua do Castelo, outra a poente, a Porta da Azóia oposta à anterior e onde hoje passam a Rua

D. Sancho I e a da Azóia, e a terceira, a única ainda hoje conservada e a mais imponente, denominada Porta da Almedina ou Porta de Loulé (fig. 5). Esta, abre sobre a Rua da Sé, a antiga Rua Direita, que é sensivelmente perpendicular ao eixo viário que ligava as duas portas antes referidas. No cruzamento destas vias encontra-se hoje a Sé, tradicionalmente referida como tendo sido construída no local onde existiu a mesquita principal da *medina*, e um pouco acima abre-se a porta, rodeada por torres, que como referimos, dá acesso á alcáçova.

Na Rua do Castelo encontrou-se, em 1874, uma bela lápide (fig. 6), hoje no Museu Arqueológico Infante D. Henrique de Faro, mandada executar em 1227, pelo último rei muçulmano de Silves, Ibn-al-Mahfut, que, assim e segundo a tradução de Nykl (1940, 406), pretendeu comemorar, durante o seu governo, a construção de uma «torre» (*burj*). Este autor é da opinião que o texto da lápide diz respeito à fundação de uma importante torre da muralha que cercava a cidade; parecer corroborado por se ter descoberto recentemente, perto do local onde aquela foi recolhida, as ruínas de uma torre rectangular que poderia ter feito parte do dispositivo defensivo da já assinalada porta voltada a nascente. Da porta oposta, a esta, pouco se sabe conhecendo-se, somente, que seria defendida por uma torre poligonal, com paralelos em outras obras de período almoada.

A Porta da *medina* (fig. 5), ou de Loulé, a única que se conserva, embora logo transformada para ali funcionar a Câmara Municipal, é constituída por uma sólida torre albarrã, cujo acesso se fazia por dois altos passadiços com arcos de volta perfeita, construída frente à porta aberta na muralha. O acesso fazia-se lateralmente à torre, por ambos os lados ou apenas por um, pois fortes portões podiam vedar uma ou as duas passagens. A porta rasgada na muralha teria outro portão, utilizado até o século XIX, e todo o sistema era defendido por uma guarnição que podia habitar num piso interior da torre.

3.3. Paralelos e cronologia dos sistemas defensivos

A articulação funcional entre as muralhas da alcáçova e da *medina*, para a defesa e protecção de um determinado espaço, e a semelhança no aparelho construtivo utilizado permite-nos que analisemos, em simultâneo, algumas das suas principais características.

As torres albarrãs, que facilitam uma melhor defesa dos panos de muralha, são, segundo H. Terrasse (1954, 24) e Torres Balbás (1942, 219), uma inovação almoada e terão sido utilizadas, pela primeira vez, na alcáçova de Badajoz, construída entre 1169 e 1170, e, também, na *medina* de Cáceres em data próxima daquela. Ambas as fortificações foram mandadas erguer pelo califa, almoada, Abu Ya'qub Yusuf que reinou de 1163 a 1184. Posteriormente, utilizaram-se torres albarrãs nas alcáço-

vas de Mérida, Talavera de la Reina, Caracuel e em Escalona (Ruibal, 1983, 409; Terrasse, 1954, 24; Torres Balbás, 1941, 178, 198; 1948, 463).

A torre octogonal, na Rua da Azóia, completa o conjunto das inovações técnicas, de carácter defensivo, introduzidas pelos almoadas e utilizadas em Silves. São duas as torres poligonais mais conhecidas e, especialmente, mais divulgadas, a de Espantaperros, em Badajoz, e a do Oro, em Sevilha, mas serão suas contemporâneas, as de Ecija, Niebla, Jerez de la Frontera (Maldonado, 1981, 2, 9; Terrasse, 1954, 24, 25; Torres Balbás, 1970, 481) e, possivelmente, a de Tavira.

As couraças, que se prolongam desde as muralhas das *medinas* até junto de grandes reservatórios de água, tornando fácil o acesso, em momentos de perigo, a esse precioso líquido, foram datadas, por Torres Balbás (1970, 541), como sendo construções dos finais do século XII.

Um dos textos que narram a conquista de Silves em 1189, por D. Sancho I, descreve a couraça como tendo três torres e estendendo-se até ao rio. Só depois dos cruzados se terem apoderado desta, e cortarem a passagem à principal fonte de abastecimento de água, os cristãos conseguiram tomar a cidade (Goitia, 1965, 280).

Para Ricard (1954, 150, 153), em Portugal, além de Silves tinham couraças Mértola, Montemor-o-Novo e Coimbra e em Espanha assinala as de Toledo e Badajoz, que tinha duas (Torres Balbás, 1941, 201).

Da mesma época das torres albarrãs, da couraça, da torre poligonal, e de grandes remodelações dos dispositivos defensivos de Silves, deve ser a grande cisterna, no interior da alcáçova, com três naves cobertas por arcarias sucesivas.

As portas de acesso, das muralhas de Silves, poucas indicações nos podem fornecer: a da *medina* está defendida por uma potente torre albarrã e a da alcáçova por uma porta dupla, com átrio, ladeada por duas torres, sendo uma delas avançadas. A existência de duas torres, antes de uma porta de entrada, é atribuída por Terrasse e Torres Balbás tanto aos almorávidas como aos almoadas. Contudo, Terrasse (1954, 24) pensa que os almorávidas utilizavam portas normalmente direitas e os almoadas, mais sofisticadas, em duplo ou triplo, cotovelo.

Para Torres Balbás (1941, 198) as portas em cotovelo já eram conhecidas tendo sido utilizadas, em Granada, no século XI e data, também, a Porta de Niebla como sendo almoada; embora, em 1952 (Torres Balbás, 1952, 423), a classifique como almorávida.

Se a porta de acesso à alcáçova de Silves pode ter sido construída pelos almorávidas, defendida por torres simples, no entanto, a única porta ainda existente na *medina* é já uma construção almoada, tanto mais que está defendida por uma torre albarrã.

Alem dos paralelos anteriormente referidos, podemos citar Torres Balbás (1970, 478) que conside-

ra os recintos de Badajoz e Cáceres, como sendo obras almoadas, conjuntamente com os de Elvas, Talavera de la Reina e Montemolin.

A atribuição cronológica de alguns sistemas defensivos de Silves aos fins do século XII não permite que os clasifiquemos como pertencentes, na totalidade, àquela época; parece-nos que só futuras sondagens arqueológicas, nos permitirão datá-los, com segurança (Gomes, 1988, 35-40).

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J., 1975: «La céramique commune locale et régionale», *Fouilles de Conímbriga*, vol. V, Ed. Boccard, 199 pp., LXXX ests., 1 mapa, París.

ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, M.; ALARCÃO, A. e PONTE, S., 1976: «Céramiques diverses et verres», *Fouilles de Conímbriga*, vol. VI, Ed. Boccard, 258 pp., XLVIII ests., París.

BAZZANA, A., 1980: «L'architecture militaire arabe, *Al-Qantara*, vol. I, pp. 339-363.

1983: «Tipologie...» Les habitats fortifiés du Shara Al-Andalus, *Habitats Fortifiés et Organisation de l'espace en Méditerranée Médiévale*, Ed. Maison de l'Orient, pp. 19-27, Lyon.

BERMEJO, J. V., 1976: «El codo en la España musulmana», *Al-Andalus*, vol. XLI, pp. 339-354.

CAEIRO, J. O., 1984: *A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte, Castelo de Vide*, Ed. da Junta Distrital de Portalegre, 5 pp., 20 fig., 2 ests., Portalegre.

FULFORD, M. G., e PEACOCK, D. P. S., 1984: *Excavations at Carthage. The British Mission*, vol. I, 2 (*The Avenue du President Habib Bourguiba, Salammbô: The pottery and other ceramic objects from the site*), University of Sheffield, 284 pp., 95 fig., 6 ests., Sheffield.

GALLO, G. N., 1943: «Los fondos visigodos del Museo Arqueológico de Valladolid», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, pp. 214-223, ests. LXIX-LXXVI.

GOITIA, F. C., 1965: *Historia de la Arquitectura Española, Edad Antigua y Media*, Ed. Dossat, 734 pp., 594 fig., 6 mapas, Madrid.

GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; e BEIRÃO, C. de M., 1986: «O Cerro da Rocha Branca (Silves). Resultados preliminares de três campanhas de escavações», *Actas do 4º Congresso do Algarve*, Ed. Racal Clube, pp. 77-83, Silves.

GOMES, R. V., 1988: «Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves», *Xelb*, 1, 294 pp., Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves.

GOMES, R. V. e GOMES M. V., 1984: «Cerâmicas importadas, dos séculos XV e XVI, encontradas no poço-cisterna árabe de Silves», *Actas do 3.º Congresso sobre o Algarve*, Ed. Racal Clube, pp. 34-44, Silves.

1986: «Cerâmicas estampilhadas, Muçulmanas e Mudéjares do poço-cisterna de Silves», *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Setúbal, 1985), *Trabalhos de Arqueologia*, 3, pp. 127-141, Lisboa.

HAYES, J. W., 1972: *Late Roman Pottery, A Catalogue of Roman Fine Wares*, The British School at Rome, 477 pp., XXII ests., London.

LEVI-PROVENÇAL, E., 1976: «España Musulmana hasta la caída del Califato de Córdoba (711-1031 de J.C.)», *Historia de España*, tomo IV, Ed. Espasa Calpe, S. A., 523 pp., 358 fig., Madrid.

LOPES, J. B. da S., 1844: *Relação da Derrota Naval, Façanhas e Sucessos dos Cruzados que Partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189* (Escrita em latim por hum dos mesmos cruzados. Traduzida e anotada pelo autor), Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 108 pp., Lisboa.

MALDONADO, B. P., 1981: *Jerez de la Frontera, ciudad medieval, arte islámico e mudéjar*, Ed. Asociación Española de Orientalistas, 40 pp., XX ests., Madrid.

NYKL, A. R., 1940: «Algumas inscripciones arabes de Portugal», *Al-Andalus*, vol. V, pp. 399-410.

RICARD, R., 1954: «Couraça et coracha», *Al-Andalus*, vol. XIX, pp. 149-172.

RODRIGUEZ, J. R. L., 1985: *Terra sigillata hispánica tardía, decorada a molde, de la Península ibérica*, Universidad de Valladolid, 401 pp., 33 figs, 127 ests. 1 mapa, Valladolid.

RUANO, R. C., 1988: «Lote de cerâmicas paleocristianas procedentes de Montroy (Villaricos,

Almería), *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, nº 24, pp. 27-35.

RUIBAL, A., 1983: «Estudio histórico-arqueológico del Castillo de Caracuel», *Al-Qantara*, vol. IV, pp. 385-409.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; DIAS, L. F. e COELLO-SOARES, A. C., 1984: «Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2ª campanha (1981)», *Arquivo de Beja*, II Série, vol. 1, pp. 11-45.

TAROUCA, C. da S., 1952: *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, vol. I, Ed. Academia Portuguesa da História, 291 pp., 4 ests., Lisboa.

TERRASSE, H., 1954: *Les forteresses de L'Espagne musulmane*, Ed. Maestre, 35 pp., 8 figs., Madrid.

TORRES BALBAS, L., 1941: «La alcazaba almohade de Badajoz», *Al-Andalus*, vol. VI, pp. 168-203.

1942: «Las torres albarranas», *Al-Andalus*, vol. II, pp. 216-220.

1948: «Cáceres y su cerca almohade», *Al-Andalus*, vol. XIII, pp. 446-472.

1952: «Nuevas perspectivas sobre el arte de Al-Andalus bajo el dominio Almorávide», *Al-Andalus*, vol. XVII, pp. 402-433.

TORRES BALBAS, L., 1970: *Ciudades hispano-musulmanas*, tomo II, Ed. Instituto Hispano-árabe de cultura, pp. 43-688, Madrid.

ZOREDA, L. C., 1974: «Cerámica sigillata clara de tipo D estampada de las provincias de Murcia y Almería», *Miscelánea Arqueológica*, I, pp. 193-222, Barcelona.

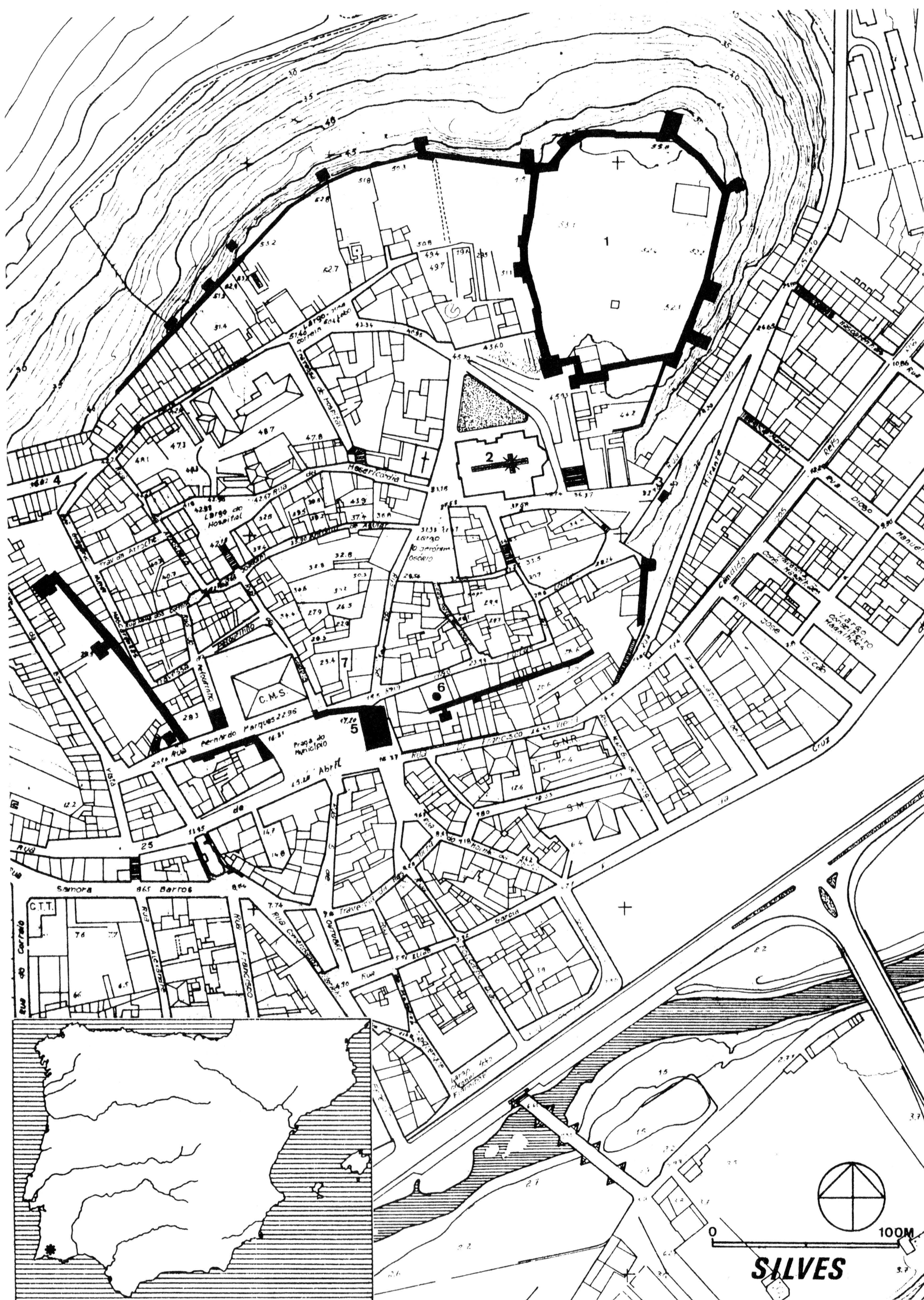


Figura 1. Planta de Silves (1. Alcáçova; 2. Sé; 3. Porta do Sol; 4. Porta da Azóia; 5. Porta de Loulé ou da Medina; 6. Poço-cisterna).



Figura 2. Pátio anexo ao poço-cisterna. Sucessão de três muralhas (R. XII/86-0).

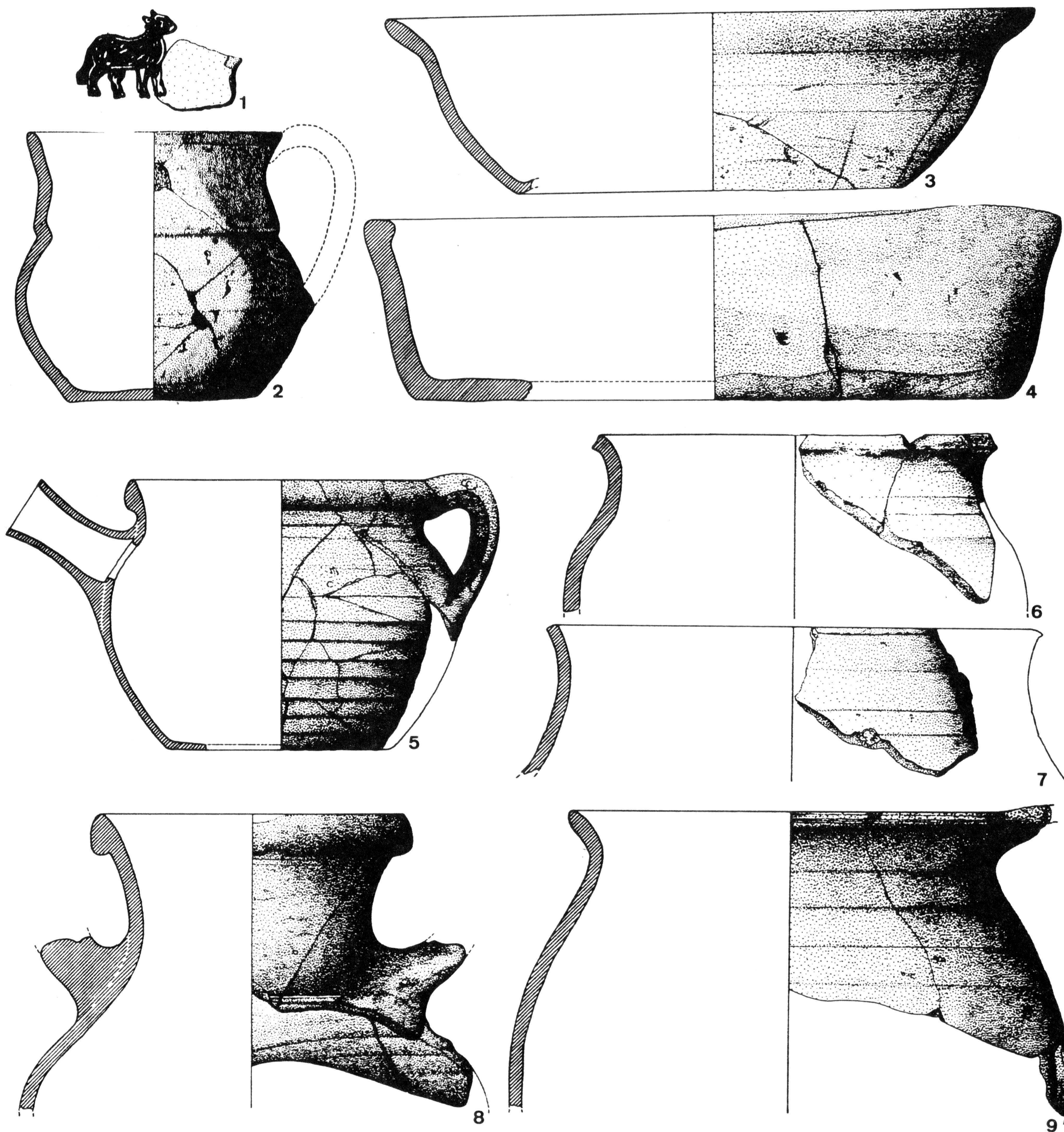


Figura 3. Pátio anexo ao poço-cisterna. Cerâmicas da camada 4 (séculos VI-VII) (desenhos de Cristina Gaspar, Margarida Carmo e Susana Vilar).

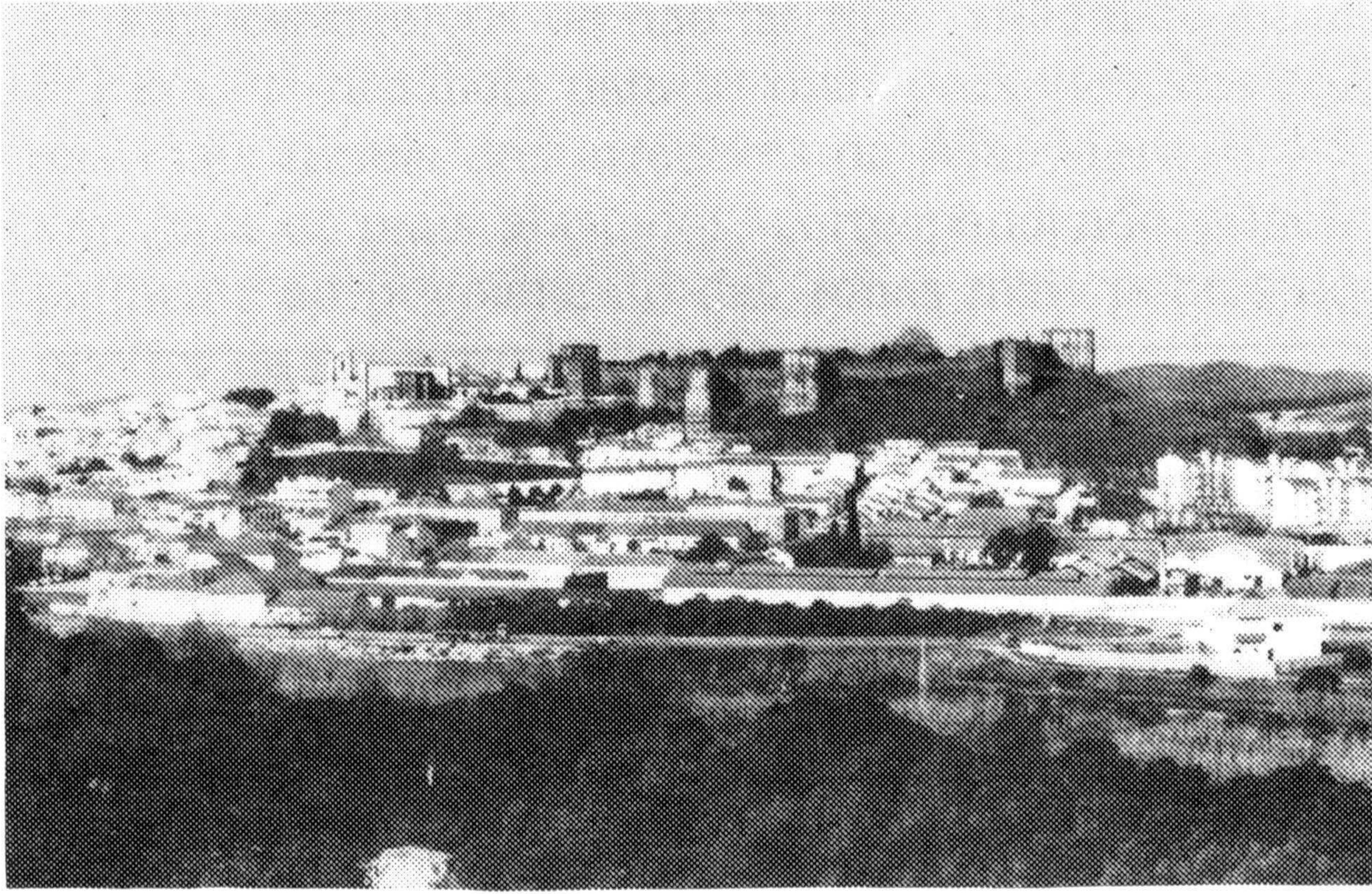


Figura 4. Alcaçova de Silves. Vista de nascente (R. IV/80-0).



Figura 5. Porta de Loulé ou da Medina. Vista de NO (R. VII/87-4).



Figura 6. Lápide da Porta do Sol (R. IV/87-19).